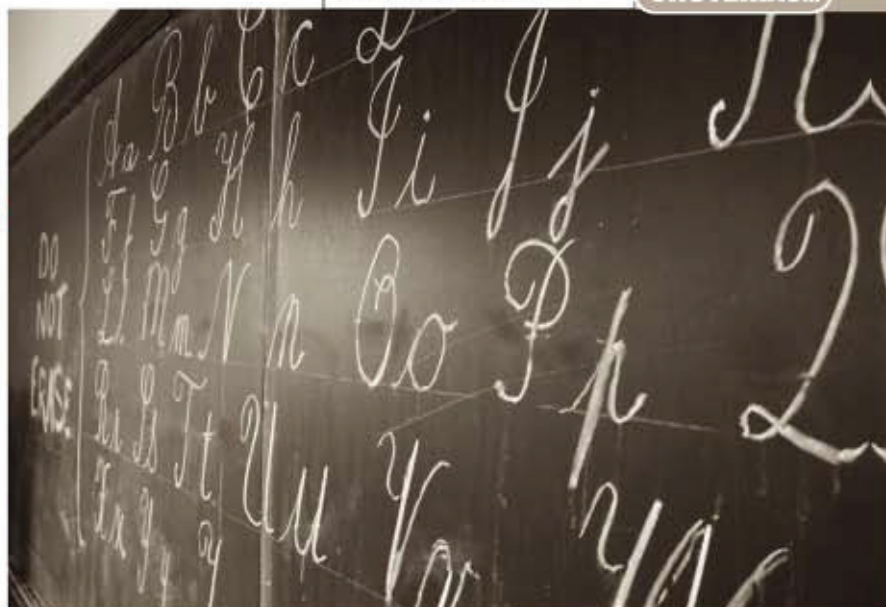


“Brasil, Pátria Educadora”



Abro algumas vezes por dia as páginas da Internet dos principais portais do Brasil, um hábito de muitos outros brasileiros. Seguramente, na última década nada do que está ali me surpreendeu. Nem para o bem e nem para o mal. Sempre é algo esperado, previsível, corriqueiro.

Operações da Polícia Federal de nomes cada vez mais didáticos, acidentes aéreos, conflitos, demissões, quedas do dólar e da bolsa... enfim, conflitos políticos, econômicos, sociais. É crise que não acaba mais. Ou seja, o Brasil está dentro de sua normalidade.

Mas uma semana antes da Páscoa, confesso, me emocionei com um ponto completamente fora da curva: a nomeação de Renato Janine Ribeiro para o ministério da Educação. Esse é um fato que merecia a musiquinha (que com o advento da Internet caiu em absoluto e total desuso) da Rede Globo, interrompendo sua programação normal para anunciar ao Brasil algo absolutamente novo para a maioria dos cidadãos. Obviamente que todos sabem de que música estou falando... A escolha de Renato Janine Ribeiro para o Ministério da Educação é, guardadas as proporções, como se o meu Palmeiras (que está dando uma lavada em todo mundo no quesito sócio-torcedor apenas, mas perde em títulos e glórias recentes para qualquer outro time grande) anunciasse a contratação de Messi

para assumir o cérebro do time já na reta final do Paulistão.

Talvez existam outros nomes de peso para ser ministro da Educação do Brasil, mas seriam o equivalente a Neymar, Ybrahmovic, Cristiano Ronaldo, nunca um Messi. Enfim, Renato Janine Ribeiro é o Pelé. Claro que existem Garrinchas, Maradonas, Ademires da Guia, Rivelinos. Mas Pelé é Pelé.

Dilma, a presidente que não tem medo de cara feia, (e só ao dizer isso o novo secretário chefe da Comunicação do gabinete da presidência, Edinho Silva, já contribuiu com a imagem do governo mais do que o seu antecessor em quatro anos de mandato) não vai fazer verão com uma andorinha só. **Mas enche de esperança que o País vai, verdadeiramente, colocar em prática o que qualquer cidadão brasileiro apenas acreditava que se tratasse de mais um slogan de um político: “Brasil, Pátria Educadora.”**

Assim como Messi não joga sozinho na seleção da Argentina, Renato Janine Ribeiro não terá condições de fazer o Brasil avançar se não tiver apoio total e irrestrito da presidente Dilma e dos mi-

nistros que hoje tentam recolocar o Brasil, do ponto de vista econômico, no seu lugar de destaque no quesito desenvolvimento, produção de riqueza, de emprego e de capacidade de inovação. Este é o ponto, creio eu, central da atuação do novo ministro.

A globalização, a grosso modo falando, significa reproduzir em escala o que alguém já inventou. Apenas a tecnologia (e aí eu enquadrado a inovação) pode dar um caminho novo, portanto, nunca antes trilhado, para uma nação. Renato Janine Ribeiro sabe disso como conhece a palma da sua mão. E ele assume num momento em que a mídia centrava toda sua narrativa apenas na catástrofe política, no desespero das relações institucionais, na ladeira abaixo com que caminha a economia. **Tudo previsível, mas coisas desalentadoras. Renato Janine Ribeiro chega e obriga a todos a darem um Epa!**

Talvez nem Dilma tenha tanta fé em Renato Janine Ribeiro, mas seu maior legado momentâneo é o de obrigar a mídia a ver os fatos de uma maneira que produza uma outra narrativa, não tão catastrófica.